



BLUMENAU

em **CADERNOS**

Maio 1983

N. 5

TOMO XXIV

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIV

Maio de 1983

Nº 5

SUMÁRIO

Página

Você Sabia?	110
Arquivo Histórico em novas instalações	112
Hermann Blumenau na exposição de Braunschweig	113
Cadeia pública de Blumenau	114
Guia da Cidade de Brusque: 36 anos	115
Autores Catarinenses	116
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	119
US\$ 100,00 para a PROMENOR	124
A importância da presença de Blumenau na Exposição	125
A vida de Fritz Müller narrada por ele mesmo	129
Aconteceu . . . Abril de 1983	136
Presença de Blumenau na exposição-feira de Braunschweig	138
Subsídios à Crônica de Blumenau	140
Novo Conselho Curador	142
Movimento de pesquisas no Arquivo Histórico	143
Prefeito Dalto dos Reis deu posse aos novos conselheiros	144

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Você Sabia?...

Frederico Kilian

...que o Parque Estadual do Taboleiro, com a área de 900 quilômetros quadrados, constituído por partes dos municípios de Paulo Lopes, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Aguas Mornas, São Bonifácio, São Martinho e Imaruí, foi criado pelo então governador Dr. Antônio Carlos Konder Reis, pelo Decreto N.º. 1.260 de 1.º de novembro de 1975?

...que em 9 de novembro de 1936, por iniciativa do eminente homem público, o inesquecível Dr. Victor Konder, se constituiu aqui em Blumenau, a Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí e que esta sociedade tinha por finalidade primordial a organização de um arquivo de documentos e publicações referentes à história do Vale do Itajaí, a divulgação, por meio de conferências e publicações, da história da colonização, constituição de uma biblioteca e a iniciativa da fundação de um arquivo e museu da colonização?

...que os estatutos desta sociedade foram registrados no cartório do Registro de Pessoas Jurídicas desta Comarca, no Livro N.º. 4, à fls. 52 v em data de 27 de fevereiro de 1937?

...que o primeiro roubo registrado em Blumenau ocorreu na noite de 16 a 17 de abril de 1869, quando, por arrombamento na casa da direção, de uma gaveta fechada a chaves, da escrivaninha do Sr. Wendeburg, diretor interino da Colônia, a quantia de RS. 1:858\$230 em moeda papel e pequena parte de prata?

...que a estátua do cientista Dr. Fritz Müller, erigida na praça do mesmo nome, nesta cidade, foi inaugurada no dia 20 de Maio de 1929?

...que a 1.º de Maio de 1954, numa reunião dos srs. Otto Baumeier, Rudi Kleine, Harry Ferber, Franz von Knoblauch, Karl Genster, Karl Kuester, Ernst Kieckbusch, Paul Frischknecht, Willy Suebert, Carlos Frank, Willibald Koeging, Albert Schmieder, August Fey, Alfred Zinkhahn, Hermann Hufschulte, Oswaldo Buerger, Eugen Seelbach, Gertrud Gross-Hering e Eduardo Fischer, foi fundado o "Centro Cultural 25 de Julho", desta cidade?

...que em março de 1938, uma epidemia de febre amarela ameaçou perigosamente a cidade de Blumenau?

...que em carta dirigida em 28 de dezembro de 1863 ao Dr. Bernardo Augusto N. de Azambuja, Diretor Geral das Terras Públi-

cas, o Dr. Blumenau pedia o envio de 50 mudas ou pequenos pés enraizados de amoreira, dado o fato de desejar introduzir na Colônia a cultura da amoreira e criação do bicho de seda?

...que em carta dirigida em 18 de dezembro de 1878, ao Governo da Província, o Dr. Blumenau, num memorial sobre o estabelecimento de um núcleo de habitantes no lugar da futura Povoação de Humaitá, na desembocadura do caudaloso Rio do Sul, propôs que no referido lugar se arrendasse a 16 a 25 imigrados e colonos casados e com família, a cada um 66 a 110 metros de terra de frente ao rio com 220 a 330 metros de fundos para neles fixarem residência definitiva e assim formar a dita povoação (hoje Rio do Sul)?

...que no dia 5 de Outubro de 1873, foi fundada em Blumenau, com o nome de "Turnverein Blumenau" uma sociedade destinada a incentivar a prática de ginástica, a qual até o ano de 1942, quando foi fechada por ordem do então governo estadual, prestou assinalados serviços no desenvolvimento da cultura física da 'juventude' de Blumenau?

...que o dia 13 de agosto de 1958 é considerado a data da fundação do Grupo Escoteiro Leões de Blumenau, surgido por iniciativa do Lions Clube Blumenau Centro?

...que nos primeiros anos da colonização os católicos falecidos nesta cidade, pertencentes às poucas famílias aqui residentes, eram enterrados no cemitério evangélico, segundo relata o Dr. Blumenau, em carta dirigida ao Presidente da Província, datada de 16 de março de 1862, na qual pede verba para mandar desmatar e preparar o terreno, por ele destinado ao cemitério católico?

BIBLIOTECA "DR. FRITZ MÜLLER" EMPRESTOU 808 LIVROS EM ABRIL

Da estatística levantada sobre o movimento geral ocorrido na Biblioteca "Dr. Fritz Müller", durante o mês de abril, é de se dar destaque ao número de obras emprestadas, o qual atingiu a 808, ou seja, mais de 25 livros por dia. Também foram realizadas muitas pesquisas e consultas, o que atingiu o número de 2.337. Durante o mês de abril, a Biblioteca recebeu, em doação, 37 livros, que foram catalogados e colocados nas estantes à disposição do público. Já na Biblioteca Ambulante, o movimento também foi satisfatório, tendo a viatura percorrido 15 localidades, fazendo 233 novas inscrições, emprestou 805 livros, foram feitas 27 consultas. O número de leitores que entraram em contato com a Biblioteca Ambulante durante o mês de abril foi de 832.

A Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e a Ambulante, somavam, até o dia 30 de abril, um acervo de 68.904 obras catalogadas, sendo que o acervo da Ambulante contava com 3.248 obras.

Arquivo Histórico em novas instalações

Prof^a. Sueli Maria Vanzuita Petry.

Foram colocadas à disposição da comunidade Blumenauense a partir do dia 25 de maio as novas instalações do Arquivo Histórico. Na oportunidade foi oficializado o nome do Professor e Historiador José Ferreira da Silva, como patrono do Arquivo. Considerado patrimônio de guarda da memória local e regional o Arquivo foi inicialmente aberto para o público durante as comemorações do Centenário da nossa Cidade, em 1950. Ali estavam depositadas obras que narravam os primórdios da vida do nosso próspero Município. Documentos manuscritos pelo próprio Dr. Blumenau, bem como vasto material referente à vida administrativa, política, econômica e social da região desde a sua fundação em 1850, até o ano de 1957.

Na fatídica noite de 8 de novembro de 1958, todo este material que funcionava anexo à Prefeitura Municipal, juntamente com o Fórum, ficou reduzido a um amontoado de cinzas. Um grande incêndio cujas origens até hoje são desconhecidas, destruiu estas duas repartições. A perda foi irreparável. Blumenau perdia o Arquivo do qual se orgulhava.

Felizmente nem tudo estava perdido. José Ferreira da Silva, homem de tenacidade, atento e dedicado à pesquisa histórica, havia sido prefeito de Blumenau no período de 1938 a 1941. Como prefeito mandou reproduzir as principais obras existentes no Arquivo Municipal para constar do seu acervo particular. Foram copiados relatórios, requerimentos emitidos e recebidos pelo Governo Imperial e Provincial, cartas etc... Com a fatalidade do incêndio, Ferreira da Silva ficou dono da maior parte da documentação histórica, necessária para o estudo do passado de Blumenau.

Ciente desta responsabilidade e da importância destas cópias para o estudo e preservação da memória local, doou este material para a comunidade. Campanhas de doação foram realizadas para enriquecer o acervo. Muitos documentos importantes que estavam em mãos de terceiros foram chegando. Na direção da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller, José Ferreira da Silva se encarregou de organizá-los.

Para impedir que nova catástrofe destruísse o que se recuperou em termos documentais, com o objetivo de divulgar, coletar subsídios e registrar os eventos da atualidade que constituirão fonte de pesquisa para o futuro, foi fundada em 1957 a revista mensal "Blumenau em Cadernos". A perenidade deste periódico vem resistindo às dificuldades e circula há vinte e cinco anos ininterruptamente. Com a Lei Municipal nº. 1.835 de 7 de abril de 1972, o Arquivo Histórico passou a fazer parte do complexo cultural que constitui a Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Infelizmente, em 1973, vitimado por um acidente automobilístico morre José Ferreira da Silva. Blumenau chorou a sua perda. Mas

sua obra idealizadora não parou. O acervo do arquivo cresceu. Ocupando um acanhado espaço carecia de um lugar condizente com o seu valor. As condições ambientais desfavoráveis o fadavam a um futuro pouco promissor.

A transferência do Paço Municipal da Rua XV de Novembro para as novas instalações na Avenida Castelo Branco abriu um vazio que foi ocupado pelo Arquivo (antiga Câmara de Vereadores). Após realizadas as reformas necessárias concretizou-se a mudança do acervo. As atuais instalações não são ainda as ideais segundo as normas científicas da arquivologia. Ele continua na expectativa de um local definitivo e apropriado para as suas finalidades. Sem ele as indagações a respeito do passado de Blumenau não poderão ser respondidas. Quer no que diz respeito a vida econômica, social, desenvolvimento demográfico, político e cultural de Blumenau.

Para comemorar este evento, ao mesmo tempo em que se completa o décimo ano de morte de José Ferreira da Silva, a Fundação "Casa Dr. Blumenau", abre ao público o seu Arquivo com uma exposição documental, literária e fotográfica sobre a "Vida e Obra de José Ferreira da Silva". Toda a população Blumenauense está convidada a participar da exposição e dos serviços do Arquivo a partir de 25 de maio do corrente.

Hermann Blumenau na exposição de Braunschweig

Em carta, enviada ao sr. HERMANN BLUMENAU — neto direto do fundador de nossa cidade, Dr. Hermann Blumenau — o prefeito Dr. Dalto dos Reis convidou o sr. Blumenau a visitar a feira tradicional de "Harz + Heide", apresentada em Braunschweig nos dias 7 a 15 de maio de 1983, e onde a nossa cidade apresentou um especial "Stand Blumenau/Brasil".

Segundo o sr. Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão da Prefeitura), por volta do correio, o prefeito Dr. Dalto dos Reis recebeu a confirmação do recebimento de sua carta, demonstrando o sr. Hermann Blumenau a sua satisfação em ter a oportunidade de ver "in loco" o progresso de Blumenau no seu Estande da exposição, em que foram expostos mais de 100 artigos e amostras das mais importantes indústrias de nossa cidade.

Hermann Blumenau, hoje um senhor de 78 anos de idade, residente em Berlin Ocidental, esteve a última vez em Blumenau (e a primeira vez) em 1975, convidado na ocasião pelo prefeito Dr. Félix Theiss.

Satisfazendo um desejo do sr. Hermann Blumenau, o Dr. Renato de Mello Vianna, na época Prefeito de Blumenau, concedeu ao neto do fundador de nossa cidade o direito, um dia, a descansar ao lado dos seus avós, no "Mausoléu Dr. Hermann Blumenau".

Cadeia pública de Blumenau

S. C. Wahle

Na velha Prefeitura de Blumenau, a cadeia pública e o escritório da Delegacia de Polícia ficavam em uma parte separada do prédio principal, com as grades viradas para o lado do Ribeirão do Garcia. Quem vinha do lado da ponte, sobre este ribeirão, tinha a oportunidade de ver os presos atrás das grades.

Como em todas cadeias do mundo, havia também, em Blumenau, policiais bem quistos e mal quistos. Sem dúvida alguma, toda cadeia pública para quem tem que ser recolhido a ela, é uma tragédia, e havia certos hóspedes quase permanentes, geralmente pessoas dadas à bebidas ou frequentadores desordeiros de casas de prostituição.

Raramente a cadeia recebia criminosos mais violentos e perigosos. A criminalidade em Blumenau, na época, era bem reduzida.

A cadeia também teve tempos de maior atividade, principalmente no período de nacionalização, época em que a língua alemã fora proibida de ser falada publicamente.

Muito bom cidadão, quer por imprevidência, quer por teimosia acabou pernoitando na cadeia. Nestas circunstâncias, principalmente, aqueles, que por excesso de álcool, quando perdiam a noção do certo e do errado, passaram a ser registrados no livro de presença. Uma vez recolhidos, continuavam a cantar e a falar alto em alemão até serem dominados pelo cansaço e sono.

Também a cadeia pública de Blumenau teve suas cenas hilariantes, imitando cenas do Velho Oeste, principalmente no início das hostilidades entre o Brasil e a Alemanha. Assim certa vez foram recolhidos ao xadrez todos os participantes de uma festa de casamento.

Nessa época, os casamentos de pessoas mais humildes da colônia, ainda eram celebrados no cartório. Vinham em carros de mola, enfeitados com palmitos, rosas e outras flores e plantas. O cocheiro mais bem vestido do que o quotidiano, e em comboio, geralmente com dois ou três carros que seguiam o carro dos noivos, soitando foguetes intermitentemente. Após o casamento, normalmente celebrado na parte da manhã, vinha uma respeitável festa na casa da noiva, onde não faltavam bebidas alcoólicas. Em pouco tempo a alegria reinava no ambiente. Como estas festas eram conduzidas dentro da tradição de 90 anos, eram conduzidas em alemão, pois de outro modo não sabiam festejar, e simplesmente continuavam a proceder desta maneira. Mas, com a nacionalização, isto fora proibido e, eis que no auge da festa, apareciam as autoridades e todos os participantes, inclusive a noiva vestida de noiva, com véu e grinalda e flor de laranjeira acomodados nos carros de molas enfeitados, eram conduzidos e recolhidos ao xadrez. É aí que a festa continuava, sem comidas e bebidas, porém dando vasão a vontade de cantar em voz alta, permitindo aos transeuntes da rua apreciar a festa na cadeia.

Deste modo, alguns blumenauenses passaram a sua noite de núpcias na cadeia pública de Blumenau.

GUIA DA CIDADE DE BRUSQUE: 36 ANOS

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

Junho de 1947. Qual o tipo de informação que o senhor precisa sobre Atacadistas de Cereais, Casas de Ferragens, Concertos de Guarda-Chuvas e Sombrinhas, Engarrafadores de Vinho e Engenhos de Serra na cidade de Brusque? Ou seu problema é saber o endereço de Lojas de Chapéus, Lojas de Rádio e Pertences, Mercadores de Telha? Se o caso é saber onde mandar niquelar seus metais, consertar os relógios, calçados, bicicletas ou acordeons; ou ainda encontrar um "Salão de Ondulação Permanente e Manicura", uma "Selaria" ou mesmo um "Pombeiro" (recorri ao dicionário do Aurélio, que diz: 1. negociante ou emissário que atravessava os sertões comerciando com indígenas; 2. espião da polícia; 3. vendedor ambulante de pombos, galinhas, etc. Qual deles seria o ramo indicado?, o negócio era procurar no GUIA DA CIDADE DE BRUSQUE, organizado por Oscar Gustavo Krieger — um brusquense dedicado à divulgação de fatos e coisas de sua terra.

Os exemplares da 1ª. edição começaram a circular em junho de 1947 e logo se esgotaram.

O autor, em outubro de 1953, publicaria um PEQUENO TRATADO DE BRUSQUE, contendo preciosas informações sobre a cidade.

Ambos os trabalhos resultaram do esforço de "seu" Oscar que preocupado em "servir e cooperar para que Brusque se torne cada vez mais conhecido" — como ele próprio ressaltava no Prefácio da pequena obra —, procurava colocar no GUIA DA CIDADE DE BRUSQUE uma objetividade capaz de alcançar o magistério, os escolares, a comunidade, enfim. A publicação visava atender também as necessidades dos turistas, prestando-lhes informações válidas sobre o que Brusque poderia oferecer em termos de Bares e Cafés, Churrascarias, Confeitarias, Hotéis e Meios de Transportes, localização dos logradouros e uma Lista Telefônica "atualizada e em ordem alfabética" com a relação dos 190 assinantes que a cidade possuía àquelas alturas dos acontecimentos do ano de 1947.

Os assinantes das Caixas Postais dos Correios também mereceram divulgação e juntamente com Informações Eleitorais, Autoridades do Município e datas históricas de Brusque, compreendidas entre 1860 e 1920, apareciam em destaque.

Em junho de 1983, 36 anos após essa publicação, Oscar Gustavo Krieger lembra, com saudade, da realização que em termos de publicidade garantiu a parte financeira da mesma. Os anúncios ao longo das 96 páginas do livreto confirmam isto e entre os muitos, alguns de estabelecimentos comerciais que nem existem mais em Brusque, como o da Livraria Nossa Senhora Aparecida que oferecia "qualquer tipo de imagem desde 15 até 100 centímetros em pintura simples, rica e rica especial, com olhos de cristal"; ou o da Loja das Malas, de Moacir Jo-

sé Laus, com “artigos para seleiros e sapateiros, malas e colchões de molas” — ambos consumidos por incêndios.

A coleta de tantas informações importantes sobre a cidade foi resultado do trabalho paciente de seu Oscar que organizou e fez publicar o GUIA.

Passados 36 anos, muita coisa não mudou: a cidade continua simpática e hospitaleira, o rio que a banha é o mesmo Itajaí-Mirim, agora um pouco mais ameno quanto às enchentes, e Azambuja continua sendo conhecida e visitada como Fonte Milagrosa.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

ASCURRA DE ONTEM E DE HOJE

Quem percorre o sempre verde Vale do Itajaí e passa pela tranqüila cidadezinha de Ascurra está longe de imaginar quão rica e interessante é a história dessa pequena comunidade que cresce à beira do mais catarinense dos nossos rios.

Fundada por um alemão, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, seus primeiros povoadores foram tirolezes e italianos católicos e seu nome lembra uma localidade paraguaia onde as forças brasileiras, na Guerra do Paraguai, destroçaram as tropas que restavam a Solano Lopez, em 1869. Essa escolha foi uma homenagem de Blumenau, então Diretor da Colônia e à qual Ascurra pertencia, aos soldados brasileiros para marcar sua vitória decisiva.

O início dessa colonização de italianos, dirigidos por um alemão e sob um nome paraguaio partiu de autêntico “conto do vigário.” As dificuldades econômicas enfrentadas pela Itália, o desemprego nas cidades e a miséria nos campos levavam a fome a rondar as famílias que só pensavam numa solução — emigrar! Contando com tais aliados, os aliciadores do Comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior, que havia contratado com o Governo Imperial brasileiro a imigração de colonos, por volta de 1874, encontraram condições favoráveis. Começou, então, uma propaganda intensa e mentirosa, mostrando um panorama falso da colônia e na qual foram usados desde boletins com noticiário exagerado até montagens fotográficas que estampavam algo bem próximo do próprio Paraíso. Além disso, coroando o “conto”, sacerdotes católicos “passaram a visitar os agricultores e diziam maravilhas do Novo Mundo”. Diante disso, forçados pela necessidade e iludidos pelas promessas, os colonos embarcavam em direção à nova morada, com os corações repletos de esperança e boa-fé. Depois da viagem longa e penosa, desconfortável e perigosa, chegavam ao destino cuja realidade era chocante. Ao contrário dos benefícios prometidos, só encontravam a natureza bruta e misteriosa, a floresta a ser

desbravada, repleta de animais selvagens e de índios cujos ataques os mantinham em permanente sobressalto.

Não podendo voltar, decididos a vencer na terra inóspita, trataram de se organizar para garantia da sobrevivência. Erguem choupanas, iniciam lavouras de subsistência e, nos momentos de folga, se entregam a uma obra comum: a construção da primeira igreja onde externar sua profunda religiosidade. Ao lado dela vão se esboçando as primeiras manifestações sociais.

Correm os tempos, surgem lideranças, as famílias se entrecruzam pelos casamentos e novos colonos vão chegando. Vencendo toda a sorte de dificuldades, Ascurra chega aos dias de hoje, município dotado de serviços nas mais diversas atividades, na terra natal como em outras tantas cidades.

Todo esse passado de lutas, porém, era desconhecido até bem pouco tempo. Como disse Oswaldo Rodrigues Cabral, o que se sabia a respeito das origens e da vida dessa comunidade "mal daria para compor duas linhas". Foi necessário que um filho da terra, o Prof. José E. Finardi, se lançasse ao estudo e elaborasse a monografia "Colonização Italiana de Ascurra — 1876/1976" (Ed. da Fundação Casa Dr. Blumenau) para que as experiências daquela gente sofrida chegassem ao domínio público. Essa obra rica de informações e documentos revela uma pesquisa intensa e criteriosa, resgatando inclusive boa parte da memória destruída pelo incêndio que atingiu o Arquivo Histórico de Blumenau. Graças a ele e seu exaustivo trabalho Ascurra recuperou sua história e ao mesmo tempo se enriqueceu a do próprio Estado. Foi desse livro que extraímos, em largas pinceladas, os fatos narrados neste artigo.

Dentre as inúmeras personalidades que surgem nessa obra, dentre pioneiros, líderes, professores, industriais, políticos ou comerciantes, alguns despertam especial curiosidade.

Chama a atenção do leitor a figura quase lendária (e meio bárbara) de Martinho Marcelino de Jesus, o "Martinho Bugreiro", o mais célebre exterminador de bugres que a história registrou e cujo nome deveria causar calafrios. Ele aparece posando para uma foto de 1903, ao lado do seu lugar-tenente Belarmino Luciano e mais treze companheiros da implacável caçada aos silvícolas, espécie de "esquadrão da morte" de antanho. Exibem com orgulho os macabros troféus de arcos e flechas, cada um deles representando um índio eliminado da face da terra. Mas justiça se faça: só apelaram os colonos aos "bugreiros" depois de sucessivos e infrutíferos apelos à presidência da Província para que constituísse uma companhia de "batedores de mato", cuja função era apenas afugentar os gentios e mantê-los à distância. A administração pública, como se vê, era lerda desde aqueles dias. . .

Padre José Maria Jacobs, o primeiro vigário da paróquia de Blumenau, fixou-se na história de Ascurra como amigo e orientador do povo. Escolhido a dedo pelas autoridades religiosas, coube-lhe, a tarefa difícil de neutralizar o "quisto religioso" que as doutrinas luteranas poderiam formar na Colônia, afastando-a da religião oficial, a católica.

“De gênio severo, caráter altivo, excessivamente áspero no falar, intolerante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem quer que fosse, senão à vontade de Deus.” — escreve Finardi. Esse temperamento provocou incidentes com o Dr. Blumenau e em três ocasiões foi submetido a processo criminal. Numa delas acabou por ser condenado e o episódio de sua prisão quase provocou revolta em Ascurra, com os colonos se armando e se organizando para defendê-lo.

Merece ainda um destaque o Dr. Giovanni Rossi, Médico, sociólogo e agrônomo, depois do insucesso de sua “sociedade nova”, comunista ou anarquista (esses conceitos na época parece que andavam meio embrulhados), em Palmeira, no Paraná, transferiu-se para Santa Catarina e foi contratado pelo Estado para dirigir a Estação Agronômica de Rio dos Cedros. Dali, apesar do temor que suas idéias despertavam na população e que as insinuações dos religiosos só faziam crescer, prestou imensos serviços à agricultura, numa “atuação que atingiu as raias da devoção”. Apesar de suas posições antagônicas em face do direito de propriedade, Rossi e Blumenau se entendiam e se admiravam. Eram ambos grandes líderes.

O Prof. Alvir Risemberg, saudoso ensaísta paranaense, resumiu com precisão o experimento de Rossi no Paraná. Vale a pena transcrever aqui essa curiosidade, completando este desataviado comentário. Ei-la:

“Para complementar o registro das fundações coloniais do Vale do Iguaçu, deve ser lembrada a “Colônia Cecília”, núcleo comunista italiano fundado pelo Dr. Giovanni Rossi, em 1889, sobre trezentos hectares de terra, nas proximidades da Palmeira. A duração foi efêmera, pois dissolveu-se em 1893, sendo a sua população absorvida pelas tropas revolucionárias que então varreram o Paraná. Mais do que um empreendimento colonial, a Colônia Cecília representou uma experiência social tentada à luz das idéias filosóficas que dominavam o pensamento humano no Século XIX.

“Ermelino de Leão assim se referiu àquela fundação: Núcleo de comunistas italianos fundado pelo Conde de Rossi. Praticava o comunismo, adotava o amor livre. Reuniu um grupo de ilustrados anarquistas. A colônia teve o nome de Cecília devido a um romance do Conde de Rossi com esse título em propaganda das idéias anarquistas e comunistas. O Conde desejou dar corpo ao seu sonho nesse infeliz ensaio sociológico. Visitamos esse núcleo em companhia do devoto republicano Manoel Correia de Freitas. Compartilhamos da alimentação comum, conversamos longamente com o Conde e com vários colonos que dispunham de instrução sólida.

“A colônia tinha acolhido em seu seio um conhecido gatuno, esperando os idealistas convertê-lo à vista do desprendimento que todos mantinham em relação aos interesses pecuniários privados. A caixa da colônia era colocada sobre uma porta e dela se utilizavam os colonos para compra dos utensílios e gêneros necessários. Um belo dia o gatuno que parecia regenerado bateu as asas levando os fundos da comunhão.

“O sistema do amor livre produziu uma crise: faltavam mulhe-

res. Para preencher essa lacuna foi mister contratar uma hetaira, que pensavam converteriam aos seus ideais. Por sua vez essa mulher os abandona. A comuna decretou então a maioria de uma menina filha de um dos colonos comunistas para praticar o amor livre. O instinto paternal superou o sonho anarquista e o colono com a família deixou o núcleo para preservar a filha do regime que com tanto ardor defendia. Com a revolução federalista a colônia dissolveu-se, incorporando-se os anarquistas às forças revolucionárias. A Colônia Cecília ocupava uma área de trezentos hectares cultivados em comum. Era um núcleo de italianos inteligentes e idealistas; o Conde Rossi era insinuante e bom propagandista”. (“A instalação humana no Vale do Iguacú”, Edição do Autor, Curitiba, 1973, págs. 109/111).

A experiência encontrou eco na literatura, inspirando uma crônica de François Coppée; uma novela do escritor paulista Affonso Schmitt, uma monografia tese de mestrado da Profa. Dra. Beatriz Pellizzetti, filha de Ermembergo Pellizzetti, auxiliar do anarquista durante mais de oito anos, e um ensaio do historiador paranaense Dr. Newton Stadler de Souza.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

Serei mais preciso, meu pai. Os emigrantes alemães embarcam diretamente para minha colônia, fazendo é lógico, as transferências nos portos brasileiros até a colônia, no local já previamente escolhido. Lá chegando serão instalados, provisoriamente, em barracões apropriados, não só para o descanso da longa travessia oceânica que fizeram, como e muito, especialmente, para a adaptação climática, será este o primeiro estágio; depois adquirirão seu lote de terra, derrubarão a mata, construirão sua primeira casa rústica e abrirão clareiras para as plantações, pastagens, ou construirão barracões para as mais várias e diversificadas profissões, quer agrícola, pastoril e industrial, como segundo estágio. Os colonos que não tiverem recursos próprios serão financiados para produzirem de acordo com suas especialidades.

A colônia terá escolas, no começo só se aprenderá a língua alemã com professores assalariados pela administração da colônia, já que os menores que acompanharão suas famílias não poderão ter seus estudos interrompidos. Todos os lazeres tradicionais alemães, com suas festas típicas das suas cidades ou aldeias de origem serão praticados habitualmente na comunidade colonial, bem como cada um se-

guirá sua confissão religiosa de origem, não terei colonos ateus nem materialistas, tampouco escravos enquanto eu tiver voz de comando na colônia. Meus colonos serão tementes a Deus, e precisam, para enfrentar períodos de adaptações, aclimatação e o domínio da selva bruta, com todos os seus riscos e perigos, de muita Fé, muita crença em Deus, para demoverem as montanhas das inúmeras dificuldades que encontrarão no seu dia-a-dia de trabalho.

Minha colônia nos primeiros anos será fechada para o convívio genuinamente germânico, só a terra será brasileira, mas tudo que nela nascer e brotar terá alma, corpo, esforço e trabalho alemão como fruto do sacrifício de colonos teutos que não abdicarão de suas tradições e culturas de origem germânica.

Como deve ter notado, meu pai, a aprendizagem do idioma português tornar-se-á desnecessária e pouparei meus colonos desse sacrifício de ordem intelectual e cultural, o que, se obrigados a mantê-los, redundaria em muitas desistências e onerosa perda de tempo precioso. Mesmo porque, meus colonos terão plena liberdade de opção, tanto quanto, a língua portuguesa como de sua naturalização, que será mais uma conquista brasileira do que um dever nosso de alemães. O Brasil deverá se fazer querido e admirado em nossa colônia por tudo aquilo que ele poderá nos dar, não só com exemplos cívicos e culturais, levando-nos a assistência escolar, garantia territorial e social, e o que é muito importante, o bom relacionamento comercial, que será a base fundamental da prosperidade da colônia, o que significa dizer, a própria grandeza do Brasil. Mesmo porque, a nacionalização da colônia não será obra dos primeiros, nem de todos os emigrantes alemães, e sim, conquista natural e lógica, dos filhos dos colonos lá nascidos, que com o decorrer dos anos a transformação numa grande e próspera cidade, eminentemente, brasileira, com traços e raízes tradicionais e culturais germânicos, que não se apagarão durante os longos anos até a sua transformação em cidade. Cultura e tradição são eternas, como o é, o homem, por tudo aquilo que ele constrói de fundo e grandeza histórica.

— Muito bem meu filho, vejo e sinto que te transformaste num verdadeiro idealista, e feliz pelos teus sentimentos religiosos, fruto bem o sei, de tua convivência com o admirável pastor de almas Gotting, a quem, em boa hora, te entreguei para completar os teus estudos ginasiais.

— De fato meu pai, e eu serei sempre grato por essa sua atitude. Muito úteis e preciosos foram os ensinamentos, não só de ordem religiosa, como geral, que me valeram e facilitaram a continuação de meus estudos, ainda mais agora, que pretendo ingressar na universidade de Munique, para doutorar-me em Botânica.

— Mas ... mais uma perguntinha para melhor compreender, meu filho, teus ideais colonizadores. Esse isolamento a que vais submeter teus colonos, longe das influências das cidades e vilas brasileiras, não irá prejudicar a boa convivência entre tua colônia e os brasileiros?

— Meu pai, em se admitindo que uma colônia é como se fora os

alicerces, as fundações de uma cidade, como na construção civil para sustentarem as estruturas dos grandes edifícios que se erguerão, sobre tais bases para abrigarem, com segurança, seus moradores, não vejo porque o isolamento de meus colonos vá prejudicá-los na convivência futura com as demais cidades brasileiras se esse isolamento tem como primordial objetivo a construção de uma colônia, genuinamente, germânica, com seus costumes, culturas e tradições alemãs; como nos edifícios, as fundações se escondem sob o solo, na colônia, sob o tempo, o passado e a história, da cidade que se erguerá para abrigar todos que nela queiram viver.

Fui claro meu pai?

— Bem claro meu filho! Vais construir uma Colônia que se transformará numa próspera e rica cidade brasileira, sob os alicerces da tradição e da cultura alemã, não é isso mesmo?

— Exatamente meu pai, o sr. e, acredito, todos compreenderam meus propósitos colonizadores!

Todos não só o compreenderam muito bem, como o aplaudiram e felicitaram por tão nobres propósitos, sua mãe, no entanto, ao abraçá-lo sussurrou aos seus ouvidos: :

— Vou rezar, mas rezar muito, meu homenzinho, para que tudo saia como queres e tanto desejas com tanto entusiasmo, meu querido!

— Obrigado mamãe, de fato, preciso muito do auxílio de Deus!

— E eu que pensei papai não concordar com as loucuras de Blumenau, enganei-me redondamente, preciso desde já preparar-me para a próxima separação de Reinhold e mais tarde de Vitor.

A noite, a sós em seu quarto, Cristiane perguntou a seu marido:

— Karl! Pensei que fosses discordar de Blumenau e demovê-lo de seus propósitos colonizadores que eu acho uma loucura, levar nossos patricios de suas casas e suas cidades, para prendê-los no sertão de um país tão longe e tão selvagem como é o Brasil.

— Cristiane não é bem assim! Quando Blumenau começou a falar nervoso, mas sereno e com muita calma, fiquei assustado e pensei mesmo pedir para parar sua exposição e dizer-lhe que considerava uma loucura seus propósitos...

— E por que não o fizeste, Karl?

— Porque olhei bem em seus olhos e senti que tudo que ele dizia eram palavras que vinham de seu coração e amadurecidas já de há muito!

— Ele continuava cada vez mais firme e seguro de si mesmo, pensei, rapidamente, e verifiquei que estávamos em 1845, e ele nascera em 1819, não foi mesmo Cristiane?

— Foi sim, a 26 de dezembro de 1819.

— Exatamente 1819, portanto, está fazendo 26 anos apenas! Meus olhos umedeceram-se, e senti então, um extraordinário orgulho dele, tão jovem, e por sua livre e espontânea vontade, pondo sobre seus ombros, tremenda responsabilidade, que só seriam capazes de o fazerem, os verdadeiros idealistas! Cristiane! Tamanha foi a minha emoção, que passei a ouvi-lo como se ele regesse a mais linda das sin-

fonias de Beethoven e interrompê-lo seria um crime, minha querida!

— Eu senti em teus olhos, Karl, que parecias encantado com as palavras dele.

— Reza muito por teu filho minha querida esposa. Ainda bem que nosso querido amigo o Pastor Gotting, quando ele tinha apenas 10 anos, ministrou-lhe todos os mais sagrados conhecimentos da religião protestante, imbuindo-lhe os ensinamentos da Fé, que é o que ele mais vai precisar na sua jornada, posso até dizer, evangelizadora da colonização, porque minha querida, serão tamanhas as lutas, as suas dificuldades, os seus contratemplos que só um crente, um idealista como o é, graças a Deus, nosso filho poderá triunfar, para conseguir a realização de seu sonho maior; fundar uma colônia no sertão brasileiro. E ele, Cristiane, conseguirá porque Deus não abandona os predestinados.

Vamos dormir minha querida porque a noite já vai bem longe.

IV

Quando Blumenau entrou em seu quarto para dormir, naquele domingo tão feliz, viu sobre sua cama a pasta com seus documentos, pôs a mão na cabeça e sorrindo lamentou-se de seu descuido: “A carta de Humboldt ele esquecera de mostrar à todos”, abriu a pasta, tirou o envelope, lendo o timbre: “Friedeich Heinrich Alexandre — Barão von Humboldt” apertou-o, orgulhoso, contra seu peito e pensou satisfeito: “Eles, amanhã cedo, vão ter a alegria de saber que faço parte das relações deste sábio alemão, considerado o fundador da moderna Geografia Física”.

Deixou a carta sobre o criado-mudo e deitou-se, ficando muito tempo recordando sua longa conversa com seu pai, radiante de alegria com o pleno acordo que lhe dera o pai e todos os presentes, exceto, sua mãe e Emilie, franziu a testa e preocupado: “Meu Deus! Convinco meu pai o que pensei ser quase impossível! Se tal aconteceu é porque meu plano, realmente, é viável e maravilhoso! Só peço a Ti, meu Todo Poderoso, que quando pô-lo em prática, realizá-lo, o faça, exatamente, como tenho todo ele pormenorizado e bem guardado não só em minha cabeça, como muito especialmente em meu coração! Meu Deus, dê-me forças, muitas forças, para não fracassar”.

Quando chegou para tomar café seu pai e sua mãe sentados à mesa conversavam sem ter ainda se servido, sua mãe explicou:

— Estamos aguardando Emilie que vem com todos os seus tomar café conosco, vamos aguardar um pouco que ela não demora.

Blumenau, carta na mão, sentou-se ao lado da mãe e disse:

— Esta carta meu pai, vou ler depois de Emilie chegar para que todos tomem conhecimento dela.

— De quem é meu homenzinho, a carta? — Perguntou curiosa Cristiane.

— É do Barão von Humboldt — disse Blumenau sorrindo e olhando para o pai.

— Ba... rão Hum... bol... dt?

— Sim meu pai! Tome, leia, espere um pouco que Emilie está chegando. Assim que todos sentaram-se à mesa leia alto pai!

Depois dos cumprimentos e os beijos, Emilie sentou com todos os seus e Karl Blumenau, pondo seus óculos, em silêncio, primeiro leu para si a carta e depois de fazer um ar de satisfação, leu alto para todos.

Foi um momento de extrema alegria o feliz relacionamento de Blumenau com Humboldt que era, na época, a mais destacada figura da Europa, depois de Napoleão.

Seu pai comentou ao verificar que Humboldt apresentava Blumenau a Martius.

— Meu filho! Quando há quatro anos passados fui nomeado para o Conselho Florestal e como engenheiro-mor, iria tomar conta de toda a zona florestal de Hasselfelde e superintender as minas, toda a carvoaria da região, tive que fazer um estágio em Munique, justamente, com o professor Karl Fiedrich Philipp von Martius, é um homem extraordinário, de uma cultura maravilhosa, nós temos na biblioteca de nosso Horto Florestal tudo que ele escreveu sobre botânica, posso até citá-las já que folhee-as e estudei-as todas, eis suas obras: Viagem pelo Brasil — A Flora Brasileira — Histórias das Palmeiras, esta em três volumes — Novos Gêneros e Espécies de Plantas Brasileiras, também em três volumes — Imagens Seleccionadas das Plantas Criptogâmicas Brasileiras, como se vê é um homem que bem conhece o Brasil para onde pretendes seguir e te transformar em colonizador. Já estiveste com Martius?

— Não meu pai! Será minha próxima viagem a Munique, não só para conhecê-lo como matricular-me em sua Universidade.

— Vais conhecer, filho, um sábio na acepção da palavra!

— Falarei do senhor meu pai...

— Ora meu filho, eram tantos os alunos e seus admiradores que o professor Martius jamais guardou meu nome, filho!

— Seja como for, terei imensa satisfação em dizer-lhe que meu pai estagiou com ele durante, quanto tempo papai?

— Um ano apenas meu filho!

— Muito bem, um ano foi, sem dúvida, uma boa convivência cultural e sinto que meu pai, muito aprendeu, pois não?

— Muito! Mas muito mesmo filho, ele é um maravilhoso professor!

— Pois meu pai, se Deus quiser e me ajudar, para os anos próximos estarei eu me deliciando com o seu saber e seus ensinamentos, para tornar-me um botânico e um filósofo por excelência.

— Não sei por que tantos estudos e diplomas se vais te meter no sertão do Brasil!

— Ora meu pai! Não se esqueça que vou exercer a liderança, o comando de uma colonização e terei que manter contatos com políticos e autoridades brasileiras, cônsules e embaixadores, quer alemães e brasileiros e quanto mais souber melhor desempenharei minhas funções de líder.

US\$ 100,00 para a PROMENOR

Os senhores Otto Lapp e Heinrich Gehle — filatelistas da cidade de Wunstorf, perto de Hannover na Alemanha Federal — que em abril do ano passado estiveram em Blumenau, expondo na "BRAPEX V" o seu trabalho filatélico "Brasil — do Império a República" — com grande sucesso — em carta dirigida ao sr. Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão do Gabinete do Prefeito) dizem o seguinte:

"Junto segue em carta registrada um cheque no valor de US-Dolar 100,00 e tirado em nome do sr. prefeito Dr. Dalto dos Reis, destinado a entidade PROMENOR.

Estamos conscientes que não se trata de soma vultosa, mas mesmo assim acreditamos que será de certa utilidade, trazendo um pouco de alegria. É um pequeno gesto de reconhecimento pela maneira excepcional com que fomos recebidos, no ano passado, lá em sua linda Blumenau.

O dinheiro provém de contribuições espontâneas por ocasião da apresentação do nosso filme feito por quando de nossa visita à cidade de Blumenau — apresentando-o em clubes e sociedades nos fins da semana. — Continuaremos a apresentar este filme ainda por mais tempo."

ass.: Otto Lapp e Heinrich Gehle".



A foto mostra o momento em que o sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã junto ao Gabinete da Prefeitura, entregava ao Prefeito Dalto dos Reis, o cheque enviado pelos filatelistas alemães, destinado à PROMENOR.

A importância da presença de Blumenau na Exposição de Braunschweig

Em outras páginas deste número, estamos divulgando as declarações do sr. Antônio Pedro Nunes, Secretário de Turismo da Prefeitura de Blumenau, que, como enviado especial do prefeito Dalto dos Reis, esteve em Braunschweig assistindo a inauguração da Exposição HARZ — HEIDE, onde Blumenau teve montado um belo estante. Completando as mesmas declarações, lá encontramos também o que pensa o prefeito Dalto dos Reis dessa valiosa promoção blumenauense naquela cidade alemã.

Para que todos tenham uma idéia exata do volume da exposição blumenauense, especialmente em painéis lá montados, vamos transcrever as informações prestadas pelo sr. Dr. Peter Lamberg, que escreveu extensa carta em língua alemã, ao prefeito Dalto dos Reis, dando-lhe ciência de como estariam distribuídos os painéis mostrando os vários aspectos sócio-econômicos, sociais e turísticos de Blumenau:

“EXPOSIÇÃO “HARZ + HEIDE”

(Braunschweig — /Baixa-Saxônia/ — Alemanha Federal)

“STAND” — BLUMENAU / BRASIL

L

7 — 15 de maio de 83

10 painéis ilustrados
com os seguintes textos:

Painel 1 e 2: BRASIL

Cerca de 60% da extensão territorial é formada pelo Amazonas. A maioria dos 120 milhões de habitantes vive nas grandes metrópoles situadas ao longo da costa brasileira. Na ponta-sul do país acha-se a colonização alemã, cujos descendentes totalizam hoje mais de 1 milhão de pessoas.

A “ Grande Blumenau” de hoje é considerada como o “centro gravitacional” desta descendência germânica.

Painel 3: Blumenau-Colônia

Foi em 1850 que o farmacêutico Dr. Hermann Blumenau (nascido em Hasselfelde, no Grão-Ducado de Braunschweig) recebeu a concessão de colonizar uma área de 220 km², situada as margens do Rio Itajaí-Açu, no sul do Brasil.

O Dr. Blumenau viajou por diversas vezes à Alemanha para alistar colonos, de preferência da região do norte da Alemanha, fazendo na ocasião propostas concretas — terras com ca. de 25 hectares. Distribuiu impressos para esclarecer os interessados sobre as eventuais dificuldades que iriam encontrar e sacrificou a sua própria he-

rança, para poder sustentar a sua colônia. Proibiu estritamente a escravidão na região por ele administrada. Em 1870 a Colônia Blumenau já contava com mais de 6.000 imigrantes alemães.

Painel 4: Dr. Hermann Blumenau

Em 1884 o Dr. Blumenau volta definitivamente para Braunschweig, onde mais tarde registrou-se o seu falecimento. Entrementes a cidade cresceu ao redor do porto instalado por Dr. Blumenau, graças ao sucesso da agro-pecuária e da instalação de fábricas de tecelagem. Os assaltos dos índios e as constantes enchentes não impediram o progresso da Colônia. Já em 1880 existiam em Blumenau 10 escolas, na maioria alemãs. Hoje a cidade conta com mais de 180.000 habitantes.

Painel 5: O idioma alemão

Durante a 2ª. Guerra Mundial as escolas alemãs, como os jornais em idioma alemão foram fechados e proibidos. Assim desapareceu o idioma alemão como disciplina escolar. Hoje, nos ginásios de Blumenau, ensina-se outra vez o alemão em três horas semanais — há falta de professores. Algumas pessoas, entre estes comerciantes locais, dão aulas de alemão sem remuneração — principalmente no "Instituto Cultural Brasil/Alemanha". Este — uma escola noturna — baseada em princípios de sua sociedade, é patrocinado pelo "Goethe-Institut" da Alemanha. Hoje, em São Paulo, são editados dois semanários brasileiros em idioma alemão. Considerada, hoje, a Alemanha como o segundo maior parceiro comercial do Brasil, é evidente o crescimento do interesse pela lingua alemã.

Painel 6: Economia

Blumenau é hoje o centro da indústria textil. Somente na firma da "Cia Hering" trabalham mais de 12.000 operários. O diretor-presidente, sr. Ingo Hering, de família já na 3ª. geração no Brasil, começou os seus estudos no Ginásio de Braunschweig. Uma outra fábrica moderna de produtos têxteis é a "Cremer S/A. cujo presidente, o sr. Heinz Schrader, estudou igualmente em Braunschweig. Os salários — depois de São Paulo — conseguem em Blumenau o seu maior nível do Brasil. Nas diversas fábricas, aqui e acolá, ouvê-se ainda falar em alemão. A maioria dos operários moram em casas para uma só família.

Painel 7: Turismo

O turismo aproveita-se em sua propaganda do modo de viver alemão. Nos hotéis e restaurantes como o "Himmelblau", "Frohsinn" e "Zum Weissen Roessel", — e outros — hospedam-se anualmente mais de 1/2 milhão de turistas vindos da Argentina, Paraguai e Uruguai, para aqui se deliciarem com a cerveja e os pratos típicos alemães, como o "Eisbein" e o "Chucrute com linguiça". Mais de 30 Sociedades de Caça e Tiro — veja também a reportagem na revista "Die

Bunte Illustrierte" — conquistam, dia a dia, mais o interesse dos moradores no centro da cidade.

Painel 8: O Enxaimel

Blumenau não só conserva e restaura as suas construções em estilo "enxaimel", como também novos prédios são construídos neste estilo típico. A "nova" Prefeitura, a casa "Moellmann" e muitas outras casas comerciais e residenciais, enfeitam-se com este estilo trazido pelos primeiros imigrantes da Europa. A Câmara dos Vereadores de Blumenau beneficia com incentivos fiscais as novas construções em "estilo enxaimel e alpino", não só para demonstrar a sua solidariedade com o modo de construir dos seus primeiros imigrantes, como também para atrair os turistas. (Veja também o painel: turismo).

Painel 9a: Braunschweig — Blumenau

Ainda não existe um "parceirismo" oficial, mas visitas recíprocas bastante vivas — uma banda de música de Braunschweig — lá, um Coral de Música Sacra de Blumenau — aqui. Em 1974 houve o traslado dos restos mortais do fundador da cidade, Dr. Hermann Blumenau, do cemitério de Braunschweig, para o Mausoléu em Blumenau. Em 1981 o "Mausoléu Dr. Hermann Blumenau" contou com a visita oficial do presidente da República Federal da Alemanha, Prof. Karl Carstens. Em 1982 o prefeito Ramiro Ruediger entregou ao tráfego a "Rua Braunschweig" no bairro da Ponta Aguda. Presente ao acontecimento estava o prefeito administrativo de Braunschweig, o Dr. Jur. Peter Lamberg. Estagiários de Blumenau atuam atualmente em nossa administração municipal. Todas as visitas de Braunschweig foram e serão sempre bem-vindas na Prefeitura de Blumenau.

Painel 9b: Blumenau/hoje

A Blumenau de hoje é uma metrópole situada entre 12 vales, cercado de colinas encantadas. Bem que a cidade poderia ser situada nas nossas montanhas do "Harz". Devido ao seu parque industrial importante, Blumenau pertence hoje aos municípios mais prósperos do Brasil. Os cidadãos amam a "Gemuetlichkeit" — o conforto, a jovialidade e a cordialidade — conservando e cultivando-a em seu dia a dia de sua cidade.

Em sua carta dirigida ao prefeito Dr. Dalto dos Reis, o prefeito da cidade de Braunschweig Dr. Jur. Peter Lamberg, diz o seguinte:

"Além destes 10 painéis coloridos — ilustrados com posters, fotos, mapas, recortes de jornais e revistas brasileiras — mostramos no "Estande Blumenau/Brasil" — em vitrines — mais de cem artigos e amostras das mais diversas indústrias tradicionais de Blumenau.

Tão logo terminar a exposição "Harz + Heide", o "Stand Blumenau/Brasil" será mostrado na vizinha cidade de Wolfsburg (na Baixa-Saxônia) sede mundial da Volkswagen.

É com prazer que comunico a vossa excelência, que a partir do dia 1.º de maio de 1983 fui promovido e designado como "Oberstadt-

direktor" (prefeito administrativo) da cidade de WOLFSBURG. Assim em data futura terei a oportunidade de visitar a "Volkswagen do Brasil" em São Paulo, aproveitando a ocasião de revê-lo em Blumenau, em sua bela Prefeitura.

ass.: Dr. Jur. Peter Lamberg"

Tradução do texto alemão:
Alfredo Wilhelm

Cartas recebidas

Do Revmo. Bispo Dom Carlos Schmitt, recebemos e agradecemos a seguinte carta, trazendo correções de informações divulgadas, razão pela qual, agradecendo a colaboração, passamos a transcrever na íntegra:

"Blumenau, 17 de maio de 1983

Ilustríssimo Senhor

José Gonçalves

DD. Diretor da Fundação Casa Dr. Blumenau

Nesta.

Saudações cordiais!

A página 105 do nº. 4 de "Blumenau em Cadernos" de abril do corrente ano, sob a rubrica Você Sabia há três retificações a fazer.

Primeiro, a igreja Matriz de Gaspar é dedicada a São Pedro Apóstolo e não a São Paulo.

Segundo, não se trata da atual igreja Matriz, pois esta foi construída nos anos 40, portanto, há 4 décadas passadas.

Terceiro, não é possível que o acontecimento aí relatado tenha ocorrido em 1855, pois a Paróquia foi criada em 25 de abril de 1861 e o Padre Matz veio bem mais tarde para Gaspar.

Embora não disponha das fontes históricas para me certificar da exatidão das demais informações da mesma nota, suponho que sejam corretas.

Sem outro motivo, assino-me atenciosamente,

Dom Carlos Schmitt".

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A vida de Fritz Müller narrada por ele mesmo

Graças à colaboração do professor Lauro Eduardo Bacca, Assessor do Meio Ambiente da Prefeitura e ecólogo de renome em nosso Estado, assim como da sra. Brigita Schmidt Humpel, que fez a tradução, conseguimos, hoje, publicar nestas páginas um dos mais belos e valiosos documentos em que podemos conhecer, com ricos detalhes, o que foi a vida e obra do renomado naturalista e colonizador Fritz Müller, que deixou para a posteridade um dos mais importantes acervos científicos e que para orgulho de Blumenau e suas gerações, preferiu viver a maior parte de sua vida aqui e também neste chão deixar em repouso seus restos mortais e de sua família.

O documento que passaremos a transcrever, é o resultado de uma carta-biográfica que aquele nobre cientista escreveu para seu amigo Dr. Peter Vogel, em Munique. Tomando conhecimento da carta, mais tarde, a revista semanal de Geografia e Etnologia "Ausland", editada por Siegmund Günther, de Stuttgart, publicou-a na íntegra, por considerar um documento histórico muito valioso, depois de haver obtido a devida autorização do naturalista através do Dr. Peter Vogel. Assim, a revista "Ausland", no seu número 40, ano 65, em 1892, às páginas 631 a 634, fez a publicação, da qual a sra. Brigita Schmidt Humpel, a pedido do Professor Lauro Bacca, fez a tradução que publicaremos a seguir na íntegra:

"Nasci em 31 de março de 1822, como filho mais velho do Pastor Johann Friedrich Müller, na pequena aldeia de Windischholzhausen, distante uma hora de Erfurt. Ali é que foi despertado, desde bem jovem, o meu entusiasmo pela Natureza viva, através do meu pai que foi um apaixonado observador da rica flora deste lugar.

As minhas lembranças mais remotas me levam aos passeios que fazia lá com meu pai e minha mãe, pelos campos e florestas. As "Fliegenblümchen", as "Frauensuh" dos bosques mais abertos, a IRIS SIBINIA, o TROLLIUS dos campos úmidos, as IRIS PUMILA nos muros baixos do nosso pequeno jardim, as sempre-vivas no telhado ainda estão vivas diante dos meus olhos, apesar de ter deixado meu lugar de nascimento já aos 6 anos de idade e em Mühlberg, na grande aldeia próximo à floresta de Turingia, para onde meu pai foi transferido em 1828, não floresce nenhuma destas plantas. Não obstante eu tornei a ver ao menos parte delas em anos mais tarde em Windischholzhausen.

Entre no ginásio de Erfurt em 1835, já bem preparado pelo meu pai e o deixei ao receber o diploma de formatura, na páscoa de 1840.

Nesta cidade, morei na casa do meu avô Johann Bartholomäus Trommsdorff, naquela época um honrado químico. Em meio aos aprendizes, estudantes e outros farmacêuticos de Erfurt, onde pela influência do meu avô, havia um clima científico onde eu encontrei vivos incentivos e estímulos para as minhas tendências às ciências na-

turais. Isto tudo “preencheu” mais meus pensamentos e interesses do que a escola propriamente dita.

Eu tomei a decisão de me tornar farmacêutico, mas logo desisti, após ter estudo como aprendiz de farmacêutico em Naumburg por um ano (1840 — 1). “Me inclinei mais para a Matemática e Ciências Naturais (1841 — 2 em Berlin, 1842 — 3 Greifswald, 1843 — 4 Berlin).

Em 14 de dezembro fui “PROMOVIDO” a Dr. em Filosofia em Berlin. Também no início de 1845 prestei concurso para professor ginasial e iniciei neste mesmo ano o meu estágio no ginásio de Erfurt como candidato a professor.

Nesta época começou na Prússia, mais precisamente na província da Saxônia a perseguição aos religiosos de pensamentos liberais.

Cheguei a conclusão de que, se eu não quisesse ser um hipócrita eu teria que encerrar minha carreira de professor.

Fui então no outono de 1845 para Greifswald, estudar medicina. Assim, me veio a esperança de um dia, como médico, poder conhecer outros países e assim poder pesquisar suas naturezas. Na Prússia, entretanto, também me foi impedida a carreira de médico. Como sócio de uma comunidade liberal em Halle, à qual me filiei assim que foi criada, eu não podia, e nem queria concordar com os dizeres finais do juramento da formatura. Pedi então que me fosse permitido fazer o juramento sem estes dizeres, como os judeus. Mas isto foi negado pelo Ministério (1849). Na expectativa de que a corrente reacionária na Prússia não demorasse tanto, eu me empreguei como professor particular na Nova Pomerânia na casa de um arrendatário que logo se tornou meu querido amigo, onde permaneci até a Páscoa de 1852.

Nesta intolerância religiosa vigente no país de Frederico “O Grande” não se poderia esperar, por enquanto, alguma mudança. Com isto, decidi emigrar. Escolhi o Brasil, primeiramente por sua rica flora e fauna; em segundo lugar, porque eu acreditava que aqui a índole alemã poderia se conservar mais facilmente do que entre os Ianques (americanos) e em terceiro lugar porque o fundador da colônia de Blumenau já me era conhecido de muitos anos.

A partida de Hamburgo foi a 19 de maio de 1852.

Aportamos em São Francisco em 09 de julho. Chegada em Blumenau em 22 de agosto. Junto comigo emigrou meu irmão Augusto. Ele tinha começado a estudar Teologia, em Halle, mas quando foi proibida qualquer idéia liberal aos religiosos da Prússia, ele aprendeu a arte da jardinagem e se filiou à Sociedade liberal de Quedlinburg. Como a mim, também a ele, a intolerância religiosa desta nossa “Capital da Inteligência”, nos impelia a deixar nossa Pátria. Naturalmente cada um de nós trouxe consigo uma esposa jovem, porque seria impossível um solteirão sozinho estabelecer uma colônia na floresta virgem. Já em 24 de agosto tomamos posse das terras, que já havíamos comprado no vale do Garcia. Nós fomos os primeiros que começaram a abrir

ali as clareiras e a construir uma cabana. Algumas semanas mais tarde, nos seguiram dez outras famílias alemãs.

No decorrer dos anos seguintes, aumentou devagar, porém constantemente, o número de colonizadores.

Blumenau naqueles tempos era, naturalmente bem diferente do que aquele que o Sr. conheceu. O único caminho era o rio. Pela mata, nas redondezas próximas do centro da cidade haviam apenas picadas toscas, que nem sequer estavam limpas das raízes que as atravessavam. As cabanas eram construídas todas sem ferro, mas sim de troncos de palmeiras, com paredes também de ripas de palmeiras, amarradas com cipó e um telhado de folhas de palmeiras, sem janelas de vidro, rodeadas por uma pequena clareira, separadas uma das outras por longos trechos de mata virgem.

Nossa alimentação era a de costume no país, consistindo de feijão preto, farinha de mandioca e carne seca (ou em certas épocas do ano de peixe seco). Tínhamos às vezes carne fresca quando apanhávamos animais selvagens em armadilhas. Três vezes por ano (Páscoa, Pentecostes e Natal), Blumenau mandava matar uma vaca velha. Pão, manteiga, leite, ovos, etc., não se conseguia nem com dinheiro.

Nosso óleo para queimar era óleo de fígado de peixe e mesmo este, durante algum tempo, escasseava. Por sorte achei no mato um velho tronco de Araribá que queimando, fornecia uma luz clara e suficiente para minha mulher poder fazer tricô e costuras, enquanto eu lia para ela.

Todos os colonos, nos primeiros anos, vieram por conta própria, não esperavam e nem recebiam qualquer auxílio. Blumenau somente se preocupava em providenciar os mantimentos essenciais que ele, sem lucro, mandava vender e pagava também um alemão que morava em Gaspar para nos ajudar no corte das árvores e na construção de nossas cabanas, na plantação, na construção de armadilhas, etc.

Eles todos, que desde o começo tinham que se acostumar à simplicidade da mata virgem, progrediam, e apesar dos esforços e privações dos primeiros tempos, sempre mantiveram a coragem e o otimismo.

Por outro lado não havia ninguém a quem recorrer quando do surgimento de eventuais problemas. Ao contrário dos muitos colonos que vieram mais tarde, atraídos por agentes inescrupulosos, apesar de toda ajuda do governo e apesar de um começo muito mais fácil, estes tinham mais dificuldade para acostumar, e se queixavam mais também.

Já após a primeira colheita de milho foram adquiridas as primeiras galinhas e logo que os inhames cresceram, também os porcos, que como os muitos outros tubérculos saborosos (aipim, cará, batata-doce, etc) e também as verduras européias que aqui crescem muito bem, trouxeram-nos maior variedade na nossa alimentação. Nosso óleo de queimar, extraímos fervendo a semente de ricino. E assim, por quatro anos eu vivi com o machado e a enxada, na mata virgem, onde me sentí splendidamente bem. É uma excitação especial depen-

der do seu próprio esforço, construir sua casa, galinheiros e chiqueiros trazendo a madeira do mato, tudo com as próprias mãos, limpar o mato para formar a roça, tecer o balaio, precisar matar os porcos, etc.

Desterro (1856 — 67). No começo dos anos 50, existia em Desterro um colégio Jesuíta, do qual eu só ouvia boas referências. Quando em 1852 a febre amarela atacou pela 1ª. vez Santa Catarina, morreram sete dos padres e em consequência disso a instituição foi fechada. Em 1856 a Assembléia Provincial resolveu fundar uma nova escola "superior", um Liceu Provincial.

Por proposta do Dr. Blumenau o Presidente da Província "ofereceu-me" o cargo de professor de Matemática. Quando Blumenau, em Pentecostes de 1856, me comunicou isto, eu tinha pouca vontade de aceitar, mas deixei-me convencer a olhar a coisa mais de perto. Fui então para Desterro. O caminho seguia, por longos trechos, pela praia marítima. Os ricos tesouros faunísticos que eu achei disseminados por aqui e mesmo em Desterro deixaram meu velho prazer pela pesquisa da fauna marítima inflamar-se novamente em chamas ardentes, à qual eu dediquei com afinco no Mar Báltico, perto de Greifswald com meu amigo Max Schultze — este notável anatomista, falecido infelizmente tão cedo.

Poder explorar um mar quase tropical e transbordante de vida, ao invés do pequeno Mar Báltico, isto constitui para mim uma enorme perspectiva. O que o Presidente da Província me comunicou sobre a escola a ser fundada e a minha colocação na mesma, foi do meu agrado. Acima de tudo me agradou a pessoa do Presidente cujo caráter simples e despretençioso contrastava agradavelmente, por um lado, com a burocracia Prussiana, e por outro lado, com a cordialidade vazia dos Brasileiros. Eu aceitei o cargo oferecido e fui mais uma vez a Blumenau para organizar minhas coisas, voltando em seguida para Desterro em companhia do Jurista Becker, recém-instalado em Blumenau, a quem na nova escola foi oferecido o cargo de professor de Latim.

No começo do ano de 1857 o Liceu foi inaugurado, inicialmente com quatro cadeiras: Latim, Francês, Inglês e Matemática (Aritmética, Algebra até Equações do 2º. Grau e Geometria). Becker se tornou o Diretor já que eu havia recusado o cargo, para poder morar na praia e me dedicar aos estudos dos animais marítimos. Mais tarde foram introduzidas ainda no Liceu, as matérias de Geografia, História, e Filosofia, assim como por pouco tempo História Natural, a qual eu me ofereci para lecionar.

O Presidente da Província, João José Coutinho, foi o último presidente de Santa Catarina, que ocupou o cargo por um espaço de tempo superior a dez anos. Ele se sentiu "integrado" com a Província, se achava como se fosse o pai dela e como tal a tratou com afinco e honestidade como se fosse o cabeça de uma família numerosa e excelentemente bem educada. Ele encontrou a caixa provincial em situação precária, mas em pouco tempo conseguiu colocá-la em ordem, de

maneira que para os serviços públicos como caminhos, pontes, etc. não foram gastos, verbas, só da Assembléia Provincial, como também o que não havia acontecido nem antes e nem mais tarde, ele empregou o dinheiro convenientemente. Ele conseguiu fiscalizar os trabalhos de uma maneira não ostensiva (sendo que perto de Desterro o fez pessoalmente) mas de uma maneira eficiente, coisa necessária aqui mais que em qualquer outro lugar. Sua atenção especial ele dedicou à sua obra preferida, o Liceu.

Ele assistia as aulas com afinco, especialmente nos primeiros tempos, notadamente as aulas dos Professores alemães. No início a maneira diferente de lecionar destes parecia não lhe agradar, mas em pouco tempo conseguimos a confiança dele e conseguimos para nossos pontos de vista, toda a compreensão e apoio nos nossos desejos.

Não só ele me cedeu um pedaço da chácara que rodeava a escola, para formação de um pequeno Jardim Botânico, como também me arranjava para este jardim, sementes e plantas da única palmeira buriti da Província, esta bela planta que em geral não aparece próximo a costa.

Quando certa vez falamos sobre Lulas, logo no dia seguinte ele me mandou um belo Argonauta que ele pessoalmente anos atrás havia colecionado no Rio de Janeiro. E quando eu falei ao Presidente que eu gostaria muito de lecionar Física e Química aos alunos mais adiantados, ele logo providenciou verba em dobro do que eu havia pedido.

Para quem estava acostumado aos costumes escolares alemães, esta escola foi uma coisa meio esquisita. Isto porque, as classes que cada aluno tinha que passar, não existiam, como também não havia qualquer plano de Ensino definido. Também os pais podiam matricular os filhos na disciplina que mais lhe agradasse, como em nossas Universidades Alemãs. Um começava com Latim, outro com Francês e um terceiro com Matemática. Um podia começar com uma matéria, o outro com duas e um terceiro simultaneamente com todas as quatro matérias existentes no início da escola. Alguns assistiam uma matéria no terceiro ano, outra matéria no 2º. ano e uma terceira no 1º. ano. Desta forma era extremamente trabalhoso fazer um horário que desse oportunidade, a cada aluno, de poder assistir as disciplinas desejadas. Para o futuro e com o número de alunos crescendo, sabíamos que seria impossível continuar nesta situação e pouco a pouco, fizemos algumas mudanças de acordo com as possibilidades.

Quatro anos mais ou menos após a inauguração do Liceu, quando o partido liberal chegou mais uma vez ao "poder" (Staatskrippe) Coutinho foi infelizmente despedido; a ele seguiram em rápida mudança outros presidentes. Cada um procurava remodelar o sistema do Liceu mais ou menos conforme suas idéias e assim a escola, que até a estas alturas vinha se desenvolvendo com ótimas expectativas, começou a andar de mal a pior. O sucessor de Coutinho foi Brusque, que fundou a colônia alemã com o mesmo nome. Ele começou a despedir "por razões mínimas" dois professores estrangeiros: o professor de

Inglês, um norte-americano e um alemão muito eficiente, que a pouco tempo tinha sido chamado de Dona Francisca para lecionar a cadeira de Geografia e História.

O estrangeiro Becker foi demitido da diretoria, a qual foi entregue ao Professor de Inglês Amphilóquio Nunes Pires, um brasileiro educado nos Estados Unidos, que se saiu tão bem como Diretor como o foi como professor. Desde o início eu não me simpatizava com Brusque (1). Solicitei minha demissão como professor de Ciências Naturais (nesta condição de naturalista eu lecionei zoologia apenas um ano, tendo encontrado atentos alunos). A pequena aparelhagem para a Física e Química que a pouco tempo tinha chegado da Alemanha, foi vendida por uma bagatela. O meu incipiente Jardim Botânico logo desaparecia novamente de baixo do mato.

Nos anos seguintes a escola perdeu vários professores que procuraram outros empregos; Becker morreu e ficaram somente os professores de inglês, francês e eu. Mas as vagas não foram novamente preenchidas, pois nossos "Liberais" planejavam transformar novamente o Liceu em Colégio Jesuíta. E foi isto que aconteceu. O Liceu foi extinto e as nossas instalações foram ocupadas pelos devotos padres. Mas nossos cargos eram vitalícios, portanto não podíamos ser despedidos contra nossa vontade enquanto demonstrássemos capacidade de trabalho. Por isto nossos empregos foram registrados como "cátedras avulsas" (independentes da Direção do Colégio), mas pelo menos nos cederam algumas salas de aula no mesmo prédio. No primeiro ano quase a totalidade da juventude estudiosa se transferiu para o Colégio dos Jesuítas, ficando apenas uns poucos fiéis a nós. Mas, já no ano seguinte vários alunos voltaram à nós, além de outros novos.

Toda esta situação foi-nos muito desagradável e por isto, em 1867 eu dirigi uma carta à Assembléa Provincial pedindo que se pusesse um ponto final a esta situação e que nós professores fôssemos aproveitados com algo mais agradável. De minha parte eu me ofereci para fazer novas experiências no cultivo de plantas, para o que nosso clima seria propício e com excursões pelas redondezas da província estudar a Natureza existente.

Como nós fazíamos uma concorrência incômoda aos patrocinadores dos devotos padres, a Assembléa com prazer concordou com esta proposta. Nossas "cátedras avulsas" foram extintas. Meu colega Rosas foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Provincial, tendo exercido este cargo durante anos, sem qualquer remuneração. Para Amphilóquio foi criado o novo cargo de "Secretário do Gabinete do Presidente" e eu voltei para o Itajaí, para recomeçar minha velha vida livre junto a mata virgem.

Apesar de livre de concorrência, o Colégio dos Jesuítas em Desterro não durou muito; e porque e quando ele se dissolveu, eu não sei. Um presidente conservador, João Thomé (cujo

(1) na realidade: "Desde o começo eu sentia repugnância por Brusque". (nota do tradutor).

sobrenome esqueci), fundou uma nova escola que ainda hoje se chama 'Atheneu Provincial'. Eu fui convocado para lecionar ali como "Professor de Matemáticas". Pela lei que dissolveu nossas antigas cátearas, eu não era mais obrigado a aceitar qualquer cargo que não me agradasse. Eu me sentia tão bem no Itajaí, onde por 6 ou 7 anos trabalhei com afinco e satisfação na tarefa a que eu mesmo me impus, que eu desejava não aceitar esta cátedra.

Mas o meu antigo diretor Amphilóquio me escreveu dizendo que, caso nós não aceitássemos o cargo de professor, João Thomé suspenderia nosso ordenado. E quem poderia lutar pelo seu direito mesmo com a lei ao seu lado, indo contra os diferentes estados de espírito de um ministro ou Presidente?

Fui para Desterro contra a minha vontade enquanto minha família permaneceu no Itajaí. Uma pequena inflamação que eu possuía no cuvido esquerdo, agravou-se com a mudança do clima em Desterro. Eu estava de péssimo humor e não escondia isto, quando o Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao voltar de uma viagem ao Rio Grande do Sul, lá me procurou. Ele prometeu conseguir para mim um cargo de Naturalista viajante do Museu Nacional. "O Senhor pode viver no seio de sua família e se dedicar exclusivamente aos seus trabalhos científicos, mandando-me os relatórios para serem publicados nos "Archivos do Museu Nacional". Da mesma forma o Senhor envia ao Museu o que por acaso encontrar de interessante nas suas excursões. O Senhor não tem mais nada a ver com os estados de espírito de nenhum presidente, apenas comigo ... etc". Não preciso nem afirmar que aceitei isto com a maior alegria e gratidão. Todavia, como no Brasil todas as coisas levam algum tempo, demorou quase dois anos até que Ladislau Netto pudesse me comunicar, com data de 2 de outubro de 1876, minha nomeação como Naturalista Viajante. No início de 1884, recebi inesperadamente a comunicação de Ladislau Netto de que eu havia sido demitido do cargo, sem maiores explicações.

Apesar de eu ter tido dúvidas sobre a pessoa a quem eu pudessem "agradecer" isto, estou até hoje na dúvida sobre a maneira como aconteceu esta decisão e qual o papel de Ladislau Netto em toda esta história. Antes porém de ter chegado esta comunicação em minhas mãos, pessoas de confiança já me afirmavam que a demissão estava já revogada por intervenção do Imperador, e que os jornais oficiais procuravam também desmentir tal fato.

Os jornais alemães, franceses e ingleses se manifestaram unanimemente contra esta demissão. Também alguns jornais brasileiros, como por exemplo a "Gazeta de Notícias", e especialmente um jovem e talentoso naturalista francês, Conty, infelizmente falecido muito prematuramente.

Daí em diante, fiquei até o ano passado 1891 (?) sem ter sido molestado. Ocorreu então ao Ministro do Ensino Público, determinar que os naturalistas viajantes do Museu, não mais residissem fora do Rio

"Blumenália — 83", promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, Diretório Central dos Estudantes e Diretórios Acadêmicos da FURB, com o patrocínio da Casa Flaminga e Boutique Água na Boca. Daquela espetáculo participou também o grupo musical "Ráio de Sol".

— DIA 18 — Teve início a orientação aos professores da rede de ensino neste município, para a campanha oftalmológica, cujas instruções foram dadas pelo médico oftalmologista Fernando Heusi. A campanha visava atingir, no seu decorrer e até o fim, 42.670 crianças.

— DIA 21 — No Teatro Carlos Gomes foi instalado solenemente o XI Congresso Soroptimista da América do Sul, o qual contou com a presença de cerca de 100 mulheres oriundas dos diversos países sul-americanos, além das soroptimistas vindas dos Estados brasileiros. O conclave foi um sucesso tanto em participação como no seu desenvolvimento técnico, tendo sido encerrado no domingo, dia 24.

— DIA 21 — Cerca de 500 escoteiros e bandeirantes de Blumenau promoveram, neste dia, o Primeiro Mutirão Social que consistiu em trabalhos de auxílio à comunidade que beneficiou a 12 escolas municipais. Nos trabalhos foram incluídos os serviços de roçagem das áreas que circundam as escolas, limpeza de pisos, janelas e portas, cultivo de hortas comunitárias, além de demonstrações de escotismo às crianças. A promoção foi da Secretaria de Turismo juntamente com a Secretaria de Educação da Prefeitura.

— DIA 23 — No Anfiteatro da FURB, os profissionais da imprensa de Santa Catarina se reuniram em solenidade para a abertura do Primeiro Seminário de Debates Sobre a Imprensa e o Jornalista de Santa Catarina. O Seminário encerrou-se no domingo, dia 24, tendo obtido sucesso nos seus objetivos.

— DIA 25 — Promovida pelo Departamento de Contabilidade da FURB, teve início neste dia a "II Semana de Ciências Contábeis, que teve ainda o apoio do Diretório da Faculdade de Ciências Econômicas.

— DIA 29 — Na FURB, foi aberta, às 20,00 horas, a exposição do produtor de arte argentino Alberto Cedrón, constando de mural de terracota e outros diversos trabalhos.

— DIA 30 — A fotógrafa profissional Lair Leoni Bernardoni, de São Francisco do Sul, abriu, às 20 horas, exposição de seu trabalho na Galeria Municipal de Artes, numa promoção do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

Presença de Blumenau na exposição-feira de Braunschweig

O município de Blumenau, mais uma vez, alcançou destaque internacional. Desta vez foi, ao participar, por intermédio de sua vigorosa indústria, da exposição-feira realizada na cidade Braunschweig, aonde foi montado um belo e atraente estande contendo os artigos fabricados em Blumenau, representando a maioria da nossa indústria.

A solenidade de abertura daquela exposição realizou-se no dia 07 de maio de 1983, tendo, na oportunidade, representado o prefeito Dalto dos Reis de Blumenau, o secretário de Turismo sr. Antônio Pedro Nunes, que, acompanhado de sua esposa dona Marga, lá permaneceu alguns dias, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos.

Conversando com a redação desta revista, o sr. Antônio Nunes mostrou-se deveras entusiasmado pelo que viu e presenciou, no que concerne ao prestígio que desfruta Blumenau naquele país, a República Federal da Alemanha, pois, no seu dizer, um dos estandes mais visitados e muito admirado era o de Blumenau. Para alguns era simples curiosidade, uma cidade de um país localizado no outro lado do mundo estar participando daquele evento. E, movidos pela curiosidade, interessavam-se pela mostra, acabando por mostrarem-se admirados com a beleza do que estava exposto, a qualidade e o bom gosto dos artigos fabricados em Blumenau.

O nosso representante e sua esposa, segundo informou, tiveram oportunidade de manter contatos com numerosas figuras proeminentes ligadas à indústria alemã e também com pessoas oriundas dos mais expressivos círculos culturais alemães desenvolvendo entendimentos no sentido de aumentar ainda mais o relacionamento cultural entre Braunschweig e Blumenau, já em pleno andamento, assim como fazer despertar entre os investidores industriais alemães que na exposição estiveram, o interesse de virem ao Brasil e conhecerem Blumenau e as oportunidades que esta cidade oferece para a implantação de novas indústrias.

No dizer do sr. Antônio Nunes, os resultados da participação de Blumenau na concorridíssima exposição de Braunschweig, chegarão ao longo dos tempos, porque ali foi lançada uma semente que sem dúvida germinará vigorosamente, já que não são poucos os alemães, hoje, que conhecem Blumenau, de visitas já efetuadas e que ainda desejam aqui retornar.

O sr. Antônio Nunes teve oportunidade de conhecer o ministro Wilfried Hassemann, com o qual dialogou proveitosamente em favor de Blumenau.

Ao encerramento de suas declarações, o Secretário de Turismo disse textualmente: "Um dos aspectos mais agradáveis de toda a minha permanência em Braunschweig, foi sem dúvida, a carinhosa recepção e as atenções que eu e minha esposa tivemos por parte das autoridades municipais e do povo em geral. Isto diz bem do elevado

conceito em que é tida esta cidade colonizada por alemães na maioria da Baixa Saxônia liderada pelo antigo Condado de Braunschweig. Creio que os propósitos que moveram o prefeito Dalto dos Reis a designar-me para representá-lo naquela exposição, foram amplamente compensados, não por influência de minha estada, mas pela assertiva de montar aquela exposição blumenauense, reativando, na memória de centenas de alemães, a lembrança de nossa cidade já por eles ou por seus amigos visitada”.

O QUE DIZ O PREFEITO DALTO DOS REIS

Por sua vez, comentando para a redação de “Blumenau em Cadernos” o evento ocorrido naquela cidade alemã, o prefeito Dalto dos Reis declarou que, a participação de Blumenau naquela exposição, alemã, pode ser considerada como o marco inicial de nova fase no relacionamento comercial e cultural não só com Braunschweig como também com outras cidades alemãs. Disse que deseja, através da Secretaria de Turismo, ampliar substancialmente a propagação de Blumenau, suas belezas, sua história e suas condições para o crescimento do parque industrial, buscando, por todos os meios, a par da abertu-



Estande de Blumenau na Exposição-Feira de Braunschweig. Da esquerda: Ministro alemão Wilfried Hassemann; Antônio Nunes, Secretário de Turismo da Prefeitura de Blumenau; Hermann Blumenau, neto do Dr. Blumenau; e Sr. Peter Lamberg, ex-prefeito de Braunschweig, que já esteve em Blumenau.

rá de novas frentes de trabalho para a nossa gente, permitir a que os jovens blumenauenses que o desejarem, possam, dentro de um cronograma de trocas, fazerem estágios na Alemanha, enquanto Blumenau, por sua vez, receberá jovens estudantes para estagiarem aqui, fazendo com que este intercâmbio também tenha importantes reflexos na popularidade de Blumenau e nas aprazíveis áreas próprias para a instalação de poderosas indústrias não poluentes sem qualquer reflexo de problemas sociais, uma vez que as áreas destinadas a indústrias já estão delineadas. Por isso, arrematou o prefeito Dalto dos Reis — ao par do entrelaçamento comum no terreno cultural, Blumenau se identificará sobremaneira como um município brasileiro de imensas possibilidades para os investidores europeus, em especial, os alemães. E esta nova fase, repetiu, começou com a recente exposição de Braunschweig.

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

O "VOLKSZEITUNG" (Jornal do Povo) de Blumenau.

Este jornal local, cujo primeiro número foi publicado em 23 de Abril de 1930, editado por Emilio Jacobsen & Cia., era redigido em idioma alemão e tinha como seu redator o senhor Carlos Techentin, que exerceu este cargo até Junho do mesmo ano. Aparecia duas vezes por semana, às quartas-feiras e sábados e o preço de uma assinatura anual era de Rs. 11\$000 para Blumenau e Rs. 12\$000 para assinantes fora de Blumenau. Em seu artigo de apresentação, frisava que sua meta primordial era servir ao povo, como já indicava seu título, a quem se dirigia, querendo ser um intérprete dos sentimentos do povo e preconizador de sua voz — "Vox populi, vox dei" — seria seu lema, pois no povo se baseava a força e pujança de uma nação e o futuro do país. Queria defender os interesses vitais do povo, tanto em relação a seus problemas econômicos, como na sua posição e convicção política, mantendo-se livre e independente de quaisquer compromissos com os partidos políticos existentes ou com as forças do capital. Neste sentido apresentava-se ao público blumenauense e aos poderes estaduais e municipais, como portador dos sentimentos sádios e sólidos do povo e a serviço do bem estar do Município e do Estado. O arquivo histórico desta cidade, possui coleção encadernada deste periódico, desde o seu primeiro número até 1º de Abril de 1931.

O PROBLEMA DA ÁGUA EM BLUMENAU

Em sessão de 11 de Abril de 1930 a Câmara Municipal de Blumenau apreciou e discutiu um projeto apresentado pelo senhor Gustavo Adolfo Scheeffler, que se propunha dotar a cidade de Blumenau

com moderna rede de água potável, sob as seguintes condições: 1) Concessão para a exploração do fornecimento de água potável, mediante instalação de rede d'água e sua manutenção pelo prazo de 35 anos; 2) Concessão, pelo mesmo prazo, para a execução de todas as instalações sanitárias nas casas ligadas ao serviço de abastecimento de água. Além destas cláusulas apresentou ainda outras condições, tais como prorrogação do prazo da concessão ou aquisição pelo município, de todo o acervo da rede d'água e suas instalações, obrigatoriedade de ligação de todas as casas à rede d'água nas ruas servidas por esta, garantia de juros para os primeiros cinco anos, na importância de Rs. 2:500\$000 por mês, etc. — O custo mensal para consumo d'água foi estipulado segundo o valor locativo do imóvel, indo de Rs. 3\$000, para casas de valor locativo mensal de Rs. 30\$000 até ao máximo de Rs. 15\$000, para imóvel de valor locativo mensal de Rs. 600\$000 ou mais. — A Câmara Municipal nomeou uma comissão para estudar o projeto e dar o seu parecer. Esta proposta e sua discussão despertou o interesse geral ao assunto, tanto assim, que a seguir houve várias reuniões de grupos interessados na realização do empreendimento e polêmica entre o autor do projeto e o engenheiro Sr. Brunner, que também havia realizado vários estudos para a solução do problema, notadamente quanto ao modo da captação das fontes fornecedoras do líquido, localização destas e do tratamento da água e sua distribuição.

Em artigo publicado no n.º 12 do "Volkszeitung" o engenheiro E. Brunner dá maiores detalhes, quanto aos seus estudos e pesquisas procedidas. O senhor Brunner tomou em consideração a quantidade de água disponível nos dois mananciais previstos, constatando que, conforme medições procedidas, há uma disponibilidade de 14 litros por segundo, o que daria um volume de 1.209 metros cúbicos por dia.

O sistema de distribuição seria por captação na fonte, mediante galerias ou túneis para o interior da nascente para obter a água pura, sua acumulação em tanques situados a cerca de 45 metros acima do nível das ruas da cidade e condução em canos de aço às residências consumidoras, onde, mesmo nas mais distantes, a água jorraria das torneiras com uma pressão de 3 atmosferas, o suficiente, para em caso de incêndio, ser eficaz nas mangueiras para o combate ao fogo. Em reunião das figuras mais expressivas da comuna de Blumenau, realizada no dia 27 de Julho de 1930, no Teatro Frohsinn, o engenheiro Brunner fez um extenso relato sobre o assunto ao qual seguiu animado debate chegando-se à conclusão unânime de que Blumenau não poderia rescindir de tomar providências cabíveis para a solução do problema e que o modo de resolvê-lo, seria um empréstimo, por emissão de bonus municipais, no montante de 700 contos de réis a juros de 8% ao ano. Para financiar o empreendimento, já que com as receitas municipais era impossível assumir este encargo e que do governo estadual ou federal não havia esperança de obter-se a necessária verba.

A Associação Comercial se protificou-se a entregar ao governo municipal, em troca de apólices, a quantia de 5 contos de réis, desti-

nando-se desta importância, três contos de réis para novos estudos juntos aos mananciais do ribeirão Bom Retiro e Ribeirão Fresco, as duas fontes previstas inicialmente para o fornecimento da água e 2 contos de réis em devolução ao Sr. G. A. Scheeffler, pelas despesas efetuadas com os estudos preliminares precedidos e plantas fornecidas. Tão logo que dos estudos ainda a efetuar, resultar que a quantidade de água captado nas fontes for suficiente para abastecer a cidade também nos 20 anos seguintes, no mínimo, e o projeto do engenheiro Brunner for examinado quanto à sua executabilidade, a execução da obra seria posta em concorrência pública. Na mesma ocasião foi levantada a questão da rede de esgoto que deveria ser empreendida concomitantemente. Após esta reunião e uma polêmica debatida entre o engenheiro Brunner e o senhor G. A. Scheeffler, nenhuma referência mais os jornais locais trazem sobre o assunto, este, certamente em virtude das discussões políticas que se recrudesceram logo após o assassinato do Governador de Paraíba, Dr. João Pessoa e conseqüentes acontecimentos originados pela revolução de outubro de 1930, entre estes a deposição do Prefeito Municipal e dissolução da Câmara de Vereadores, em Blumenau, o projeto do abastecimento da água deixou de ser levado adiante, para só anos mais tarde ser resolvido, porém, em outras bases.

A Fundação “Casa Dr. Blumenau” tem novo Conselho Curador

Com data do dia 20 deste mês, o prefeito Dalto dos Reis assinou o decreto de nr. 2.124, nomeando o novo Conselho Curador, cuja escolha recaiu em figuras de destaque e conceito no seio da comunidade blumenauense que mais uma vez atende aos requisitos determinados pela lei que criou a instituição. A escolha feita pelo jovem prefeito blumenauense de nomes de tão expressivo conceito que passam a integrar o novo Conselho Curador, diz bem de seu desejo de que a Fundação “Casa Dr. Blumenau” continue a merecer todo o apoio e incentivos para alcançar seus elevados objetivos. São os seguintes os membros do Conselho Curador para o biênio de 1983/1985: Srs: Ingo Wolfgang Hering, Rolf Ehlke, Elimar Baumgarten, Frederico Kilian, Dr. Afonso Rabe, Nestor Seara Heusi, Frederico Blaul, Olivo Pedron, Martinho Brunnig, Srta. Urda Alice Klueger e Antônio Pedro Nunes, este último Secretário de Turismo da Prefeitura.

A posse dos novos Conselheiros deu-se no dia 30 deste mês, às 17,00 horas, no Gabinete do sr. Prefeito Municipal.

Movimento de pesquisas no Arquivo Histórico durante o mês de maio

Agora em novas instalações e oferecendo mais conforto e facilidades para pesquisar, o Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", vem sendo motivo de visitas constantes da população blumenauense, inclusive para conhecer a exposição da vida e obra do patrono do Arquivo, quando está se registrando, este ano, a passagem dos dez anos de falecimento de Ferreira da Silva.

Assim é que, a partir deste número, passaremos a apresentar uma relação de nomes de pessoas que, durante o mês, realizaram pesquisas no Arquivo, sobre diversos assuntos, como veremos a seguir:

João Reinhardt — Piçarras, pesquisou no jornal "A Nação", artigo publicado pela poetisa Jane Markes, nos anos de 1967 e 1968.

O sr. Ledra, de Rio do Sul, pesquisou no jornal "Blumenauer Zeitung" e no jornal "Der Urwaldsbote", assuntos sobre loteamento e colonização, inclusive na pasta referente a Rio do Sul e em edições da Revista "Blumenau em Cadernos".

O sr. Egon e a sra. Elgrit Belz, de Blumenau, pesquisaram no dia 6 de maio, assuntos relacionados com o Turnverein, na Pasta de Ginastas, Documentos e Estatutos, nos jornais "Blumenauer Zeitung" e "Der Urwaldsbote".

O sr. Alberto Antônio Albino, pesquisou, dia 9 de maio, no Diário Oficial do Estado, a Constituição de 1946, assuntos sobre os Estatutos dos Funcionários Públicos, FGTS, Horário e Trabalho nas repartições públicas.

A sra. Angelina Rosa Silva, de Blumenau, pesquisou nos jornais "O Estado" e "Jornal de Santa Catarina", sobre a Introdução da Ginástica Rítmica em Santa Catarina, pesquisa feita dia 11/5.

O sr. Joyce Timmermann e a sra. Juty Timmermann, de Blumenau, pesquisaram no Levantamento sócio econômico de Blumenau e Censo de 1980, sobre a população de Blumenau — pesquisa dia 11/1.

O sr. Nelson Verchai de Carvalho, de Blumenau, pesquisou, dia 16/5, sobre Currículos.

Tanise Cruz, de Blumenau, Itoupava Norte, pesquisou, dia 23/5, sobre a população de Blumenau.

Sandra Eliza Zimmermann, residente no bairro de Vila Nova, pesquisou, dia 23/5, sobre população de Blumenau.

Simone Regina Medeiros, residente no bairro da Velha, em

Blumenau, pesquisou o Levantamento Sócio-Econômico, dia 23/5, em busca do índice da população de Blumenau registrado em 1980.

Táisa Andréa Felsky, residente no bairro Garcia, Blumenau, também pesquisou, dia 23/5, sobre a população de Blumenau de acordo com o Censo de 1980.

Alice Evelina Starke, residente em Itoupava Central, pesquisou, dia 25/5, sobre Casa em estilo enxaimel, utilizando como fonte de pesquisas Plantas de casa dos anos de 1924 a 1945, utilizando-se da revista Blumenau em Cadernos, "Isto é", e suplementos de jornais tais como: Boi de Mamão e "Jornal de Santa Catarina".

Angela Mattos — Blumenau, pesquisou sobre a população de Blumenau, dia 25/5.

Prefeito Dalto dos Reis deu posse aos novos conselheiros

Desde o dia 30 de maio, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" tem novo Conselho Curador. A posse deu-se em solenidade simples mas expressiva, realizada no Salão Nobre da Prefeitura, no dia 30, às 17 horas, quando o prefeito Dalto dos Reis, falando aos novos Conselheiros, agradeceu aos mesmos por terem aceito a designação, dizendo que teriam todo o apoio de sua administração para o cada vez maior engrandecimento e conceito da instituição. Prometeu colaborar, através da Assessoria de Planejamento, na elaboração do projeto de construção do prédio destinado ao Arquivo Histórico e à Biblioteca. O chefe do Executivo, pela maneira simpática e o calor humano com que se dirigiu aos Conselheiros, foi muito aplaudido e cumprimentado.

Dr. Afonso Rabe, o Presidente

Ainda durante a solenidade de posse, os novos Conselheiros aproveitaram para eleger por aclamação o novo presidente, recaindo a escolha na pessoa do médico Afonso Rabe, indicado pelo sr. Ingo Hering, depois deste haver declinado do cargo, com razões plausíveis apresentadas, quando havia sido indicado pelo advogado Elimar Baumgarten, o mais antigo Conselheiro desde a criação da Fundação. Na vice-presidência, foi aclamado o nome do sr. Antônio Pedro Nunes, Secretário de Turismo e que, como pessoa diretamente ligada ao prefeito Dalto dos Reis, estará dando todo o apoio emanado do Chefe do Executivo, atendendo assim ao que o mesmo havia manifestado aos novos Conselheiros.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Séara Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

